

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*...alumia-vos e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista 854 - PORTO

—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10

PORTO

SINAGOGA DE GHRIBÁ



Judeus berberescos orando na Sinagoga do rito português (sefardi) na ilha de Djerba, na Tunisia (Africa do Norte)

A QUEDA

O ultimo procurador romano, na Palestina, foi Gesinus Florus e foi a sua avidez e insaciavel cubiça, que determinaram a ruptura final, com Roma, ocorrida entre 64 a 66 e. v. Este governador, de execranda memoria, ligou-se, secretamente, aos bandos de ladrões, que infestavam o país, para roubar e matar, e compartilhavam dos despojos dos saques, com o seu omnipotente protector que, pela sua venalidade, impelia os judeus á revolta, ainda no intuito oculto, de melhor se apropriar das suas riquezas.

Entrou em Jerusalem e, apesar do propositado socego da população, matou e roubou, sem piedade.

Sete governadores romanos, haviam sucedido uns após outros, rapidamante, e todos eles igualmente crueis contra um povo, que uão queria reconhecer e sacrificar á divindade dos imperadores. Povo, que preferia perder riquezas, casa, terras e até a propria vida, a prestar culto a idolos, ainda que estes fôssem do proprio imperador da poderosa Roma. Para os funcionarios romanos, esse povo tinha o aspecto de uma gente obstinada, quasi demente, a quem era preciso dominar, pela palavra ou pela espada, e empregaram esta ultima. Durante anos de terror, matou-se desapiadadamente. Aos rebanhos, os judeus toram queimados e crucificados. Durante quatro anos terriveis, o pequeno povo judeu, num canto obscuro do imperio romano, resistia ao poder das mais famosas legiões romanas e á habilidade dos conquistadores do mundo.

No ano de 66 a inquietação tinha chegado ao auge. Mas a grande insurreição, que havia de arrastar consigo a destruição do estado judaico, não era fomentada, apenas, pelos judeus da Judeia; na fomentação da revolta, tem logar predominante a Galileia, onde ainda ecoavam os sons dos antigos profetas, e cuja população mantinha um patriotismo ardente, que se opunha, com firmeza, contra as infiltrações do exterior.

Na Galileia tiuha surgido a seita dos zeladores, que, admitindo as práticas democraticas dos fariseus, ficavam, contudo, fieis ás antigas ideias dos hebreus nomadas, para quem, só Jehovah é digno de ser servido,

como chefe. Da Galileia partiu, pois, o grito de alarme, que foi atear o incendio em todas as colonias dos judeus, estabelecidas fóra da Palestina. Os países longinquos, de um judaismo primitivo, oferecem-se para combater e a descrição da ruina de Jerusalem, do escritor Josefus, do primeiro seculo da era vulgar, que foi testemunha presencial, diz-nos que, do milhão e cem mil judeus, que caíram mortos, na defeza de Jerusalem, a maior parte não era nativa da Judeia, mas tinha vindo ali, para celebrar a pascoa.

E' efectivamente esse escritor, Josefus, que tambem foi general das tropas judaicas, a fonte principal, por onde nos vem o conhecimento do que se passou durante o cêrco de Jerusalem, celebre na Historia. Dentro da cidade, os sitiados dividiam-se em trez campos, em luta uns com os outros, a respeito de quem havia de dirigir a guerra e da maneira como esta havia de ser dirigida.

Um dos partidos ocupava a parte baixa da cidade, outro a parte alta e o terceiro tinha-se alojado numa area, dentro do proprio Templo. Duas destas facções, guerreavam-se pela posse dos celeiros, até que alguem lançou fogo a estes e eles foram completamente destruidos. Mais de um milhão de judeus ali estavam em luta encarniçada e fratricida, encurralados, entre altas muralhas, num recinto, que apenas media uns mil e seiscentos metros quadrados aproximadamente; quasi sem mantimentos e com o perigo romano á porta. Da Siria tinham descido as legiões romanas, para sufocar os rebeldes, mas, estes batiam-se como leões ferozes, indomaveis. Batiam-se com desespero e heroismo, na defesa da patria e da religião, contra o tirano estrangeiro e insolente. De ambos os lados a guerra era implacavel. O imperador Nero compreendeu a extensão da revolta, e que dominá-la não seria facil; enviou, pois, para o teatro da guerra, dois dos seus mais habeis generaes: Vespasiano e Tito, filho dêste.

Vespasiano tinha sido chamado a Roma, para ser coroado imperador e Tito começara o cêrco. Perto da muralha norte, tinham-se levantado montes de terra, sobre os quais assentavam os arietes. A uma distancia de dez quilometros, em torno da cidade, haviam-se cortado todos os troncos d'arvores, para a construção dos arietes. Dia e noite, incessantemente, ouvia-se o estrondo daqueles ins-

frumentos de guerra batendo contra as muralhas.

Os judeus furavam minas; minavam de baixo dos montões de terra e os arietes iam-se abaixo.

Quinze dias, durou o trabalho dos arietes, que os romanos levantavam de novo e, por fim, abriu-se a primeira brecha, na muralha exterior

Nove dias mais, e caía a segunda muralha e, finalmente, os romanos apoderaram-se da parte baixa da cidade, mas os judeus não se rendiam.

Amontoavam-se na parte alta da cidade, esfaimados e moribundos.

Por um pedaço de carne ou de pão matavam-se.

Os que, de noite, se aventuravam, para fóra dos muros da cidade, eram apanhados, pelos romanos, que os crucificavam. Num só dia foram crucificados quinhentos e, quanto mais os judeus sentiam a opressão da guerra, tanto mais endureciam na teima da resistencia

O cerco de Jerusalem, ficou famoso na Historia, pela ferocidade desenvolvida no ataque e na defesa.

Se os arietes ruíam, caindo estrondosamente no chão, logo os sitiados faziam uma sortida e, como loucos temerarios, atiravam-se ao inimigo com loucura feroz.

As grandes legiões cançavam-se e hesitavam e Tito recuou.

Mas, para os sitiados maior foi a tormenta Tito construiu uma grande muralha de uns oito quilometros de extensão, em torno da cidade—sentou-se e esperou.

O sofrimento dos judeus parecia ter ultrapassado todo o limite; o proprio Tito, afeito ás durezas da guerra, se compadecia de gente tão sofredora na dôr, e mandou pedir aos zeladores, que se rendessem.

Isso nunca!... Passou-se mais um mês, mais dois e os romanos voltaram á carga.

De novo caíu a muralha primeira mas os judeus, durante as tréguas, tinham construido uma segunda.

Esta tambem caíu, e os herois continuavam indomaveis e abrigavam-se, agora na fortaleza interior. As ruas estreitas banhavam-se de sangue; ao sol ardente, decompunham-se os cadaveres insepultos e continuavam as lutas na cidade, por uma migalha de pão, com que matar a fome.

A mulher do Sumo Sacerdote, para quem

se estendiam antes, os luxuosos tapetes, no seu caminho de casa ao Templo, para que não se manchasse a pureza das suas sandalias, vagueava, agora, esfomeada, pelas vielas, em busca de uma magra côdea. Não se faziam, já, os sacrificios, nos altares, porque as rezas tinham desaparecido.

A rendição continuava impossivel. Tito, de novo, quiz propôr as condições dessa rendição mas os zeladores recusavam-se a parlamentar. Bem sabiam eles que as condições consistiam na entrega da cidade. E a cidade não era deles—era de Deus—como entregá-la pois?!... Alguns soldados romanos, em extase por tanta fé religiosa, desertavam das legiões para se entregarem á sorte dos sitiados.

Fez-se a escalada das muralhas e os zeladores fugiram, para os pátios do Templo.

Ao fim de seis dias de violento trabalho dos arietes, deu-se o inevitavel.

Tito deu ordem para que fôsse poupado o santuario, mas a soldadesca, desesperada e furiosa, nada respeitou: pela *Janela de Ouro* foi arremessado um facho ardente, e, imediatamente, as traves do pavimento e do tecto, se incendiaram e pelos pátios, onde alguns milhares de homens se haviam refugiado, essa mesma soldadesca irrompeu, esfaqueou e matou, na sua sêde de odio e vingança.

Houve um momento de suspensão, mas, logo, os zeladores correram, para a cidade alta e, de novo, começou a louca resistencia. O terreno era cedido ás polegadas e ali, ainda durante mais um mês, desafiaram o inimigo, até que definitivamente, sossobraram. Os que tinham escapado á morte, rendiam-se pela fome e pela fadiga, mas os romanos não lhe deram tréguas, invadiram o recinto e de novo assassinaram, até que, tambem, a fadiga os impediu de matar mais.

Por toda a parte—corredores, pátios, aposentos—tudo estava repleto de mortos e moribundos e o sangue corria a jorros. Depois lançou-se fogo, ao que ainda havia de pé—casas, edificios, muralhas e os conquistadores afastaram-se, para contemplar as chamas. E' esta a descrição de Josefus. E assim ruiu a velha Jerusalem.

Diz-se, como já indicamos, que no cerco de Jerusalem, pereceram mais de um milhão de judeus e, tambem como já dissemos, estes eram em grande parte peregrinos, que tinham vindo celebrar a pascoa, comemorativa do exodo do Egipto. Dos sobreviventes, noventa e sete mil foram feitos escravos dos quais,

uns foram deportados para as minas do Egipto e os restantes foram entregues aos animais ferozes, nas arenas romanas, segundo o costume romano.

Tito assenhoreou-se da parte mais nobre e distinta dos zeladores, para figurarem, no seu regresso, na marcha triunfal, através das largas ruas de Roma e, nesta cidade, foi mandado levantar um arco triunfal, ainda hoje conhecido pelo Arco de Tito, no Coliseu Romano, muito visitado pelos visitantes da Roma moderna, em que figuram, como escravos, mancebos judeus, acarretando ás costas utensilios do Templo.

O arco ainda existe, em parte arruinado; um trôço das velhas muralhas de Jerusalem, outrora embebidas de sangue, tambem ainda existe e ainda hoje, os descendentes dos antigos judeus veem ali chorar a patria perdida e implorar, o Todo Poderoso, pela sua restituição.

São os unicos testemunhos do antigo heroismo, que excedeu todos os heroismos, que a Historia regista. A par dessas duas ruinas do passado, levantam-se os judeus, que, de romanos, egipcios, assirios, babilonios, persas e gregos, são o unico povo, que sobreviveu. Parecia, contudo, que, no ano setenta, destruida a patria, aniquilada a população, arrasada a cidade, amesquinhadados e escravizados os sobreviventes, esse povo deveria desaparecer...

Adolfo Benarus.

(Do livro «Os Judeus» (Historia estranha deste povo até aos nossos dias).

• • •

Dissertação sobre o Messias

(Continuação do n. 31)

CAPITULO I

«No qual se prova que Deus fez conhecer aos Israelitas nos cinco livros da Lei tudo o que elles deviam fazer para não se deixarem reduzir pelas nações e para não abandonarem a verdadeira religião seguindo a dos Cristãos».

Deus instruiu tão bem os Israelitas sobre a Lei que elles deviam seguir, que julgou inutil advertir-los da que Jesus Cristo devia introduzir alguns séculos depois de Moisés. Os pagãos entre os quais vivia este povo escolhido tinham criado religiões e adoravam

uma pluralidade de deuses incompativel com a unidade do verdadeiro Deus. Não se vê em parte alguns do texto sagrado que os Israelitas fôssem advertido-que se ergueriam falsas divindades próprias a reduzi-los.

Toda a precançaõ que o senhor tomou para garantir o seu povo contra as falsas doutrinas consiste na proibição que lhe fez de adorar Deuses que os seus antepassados não conheceram e na ordem em que o intima a punir como falsos Profetas todos os que annunciasssem que elle devia afastar-se das divinas leis e dos preceitos que Elle lhe tinha ordenado de seguir eternamente. Estas ordens sagradas devem bastar aos Israelitas para condenar todos os dogmas que não são inteiramente conformes aos decretos irrevogaveis da Divindade.

A divina sabedoria prevendo que havia de nascer um dia uma religião que estabelecesse uma Trindade; que uma doutrina contraditória das suas sagradas ordens poderia esmagar a que Moisés tinha ensinado aos filhos de Israel para ser seguida eternamente, recomendou a Moisés de lhe assegurar que Elle era e que seria sempre eternamente Só e independente de tudo; e o seu Ser não podia ser separado nem dividido qualquer que fosse a maneira por a qual se tentasse explicar esta divisão. Por consequência esta doutrina em virtude da qual três não são senão um é insustentavel, porque se o filho é engendrado pelo pai, é preciso absolutamente que dependa d'elle como o efeito da causa, não há nada mais natural que a dependência dum filho em relação ao pai: O que pelas regras da filosofia impede absolutamente a egualdade.

E' por consequência impossivel que o filho seja Deus, visto que elle não é aquele que existe por si mesmo e que para existir elle depende dum outro ser.

Os Israelitas que acreditarem na unidade de Deus de acordo com as suas ordens irrevogaveis nunca poderão supô-lo dependente. Eles nunca poderão adorar um Deus criado e um outro produzido; elles estão tão bem instruidos que sem ofender o verdadeiro Deus nunca poderão aceitar uma doutrina tam íntima e que os torna indignos da gloriosa escolha que a divina Magestade d'elles fez entre todas as nações. Eu sou o Senhor teu Deus e não há nenhum antes de mim (o que prova a evidência que elle não foi criado por nenhum outro) e não haverá nenhum depois de Mim.

Esta declaração formal deve bastar para convencer os Cristãos da falsidade de uma opinião que elles se esforçam para provar e por explicações mais difficeis e por distincões mais embaraçadoras que a própria doutrina estabeleceu. Os doutores que se servem de todos os meios para a sustentar, estão obrigados a dizer que estas três pessoas divinas que adoram não são senão um e mesmo Deus e que este Deus é triplo sendo «uno».

E' por mercê da Providencia Divina que os Cristãos se obstinaram sempre a sustentar esta opinião absurda; é uma barreira impenetravel que impede os Judeus de admitir uma Lei contrária á que Moisés lhe deu. Talvez elles se deixassem tentar se os Cristãos tivessem querido desfazer-se dum principio que tanto repugna ao bom remo, e aceitar a doutrina de Arius que viu perfectamente que a divindade de Jesus Cristo fortificaria os Israelitas na religião de seus pais que os impediria de aceitar e seguir Deuses que elles não tivessem conhecido.

O texto sagrado ensina os Israelitas que Deus não depende de ninguém. O Senhor fez o que quiz e

não teve conselheiros; foi da sua divina vontade e da sua infinita sabedoria que emanaram as suas ordens sagradas e irrevogáveis. Como nos poderíamos persuadir de que Ele tinha descido á terra? Como se ousaria dizer blasfémia que Deus morreu ou que enviou seu filho com instruções sobre o que devia fazer para salvação dos homens, não sendo esse filho dependente d'êle, visto que êle é o mesmo Deus que seu Pai e como tal não pode depender de ninguém? Vê-se no entanto no Evangelho, nas Actas dos Apóstolos e em S. Paulo que este Deus mortal não faz o que êle quer mas sim segue a vontade de seu Pai. Eu faço, diz ele, o que meu Pai, que me enviou para vós, me ordena; eu volto para aquele que me enviou para vós.

Se Deus enviou ao mundo seu filho sob o aspecto de uma criatura mortal para operar a redempção que os Profetas tinham prometido a Israel, não o poderíamos aceitar senão como o Ser tal como o conheciamos.

O seu poder era restrito assim como os seus dias e ninguém pode crêr sem impiedade que possa haver limite na divindade, que ela não seja absolutamente independente e que ela não seja por si mesma; é por consequência impossível que os Israelitas possam reconhecer em características tam opostas aquelas que deve ter o seu Redemptor, aquele que os Cristãos adoram, e que êles querlam fazer venerar ao povo escolhido do Senhor.

CAPITULO II

«Onde se prova que Israel não deve acreditar na encarnação.»

Moisés, este servidor tão querido de Deus, pediu-lhe para O ver face a face, e o Senhor respondeu-lhe: «Nenhum mortal me pode ver e viver.»

Estas divinas palavras bastam para convencer os Cristãos da impossibilidade de reconhecer Deus na pessoa de Jesus Cristo sob o seu aspecto humano, nada o distinguiu dos outros homens, que êle esteve sujeito como todos os mortais a todas as enfermidades da natureza humana: ninguém o declarou Deus durante a sua vida: as poucas pessoas que se tinham ligado a êle, que passavam entre o povo por ignorantes e libertinos nunca lhe deram os attributos da divindade. Como se poderá acreditar que êle afirmou que era Deus a pessoas que o negaram e que denunciaram ao Senhedrim a impureza da sua vida e a falsidade da sua doutrina.

Desde que se confesse que Deus disse de Moisés que era um homem segundo a sua vontade que lhe recusou a graça eminente de ver a sua divina glória não se poderla crer que Ele a tenha concedido a um outro mortal; a não ser que se diga que Ele é irregular e inconsequente nas suas acções. O Senhor, segundo o confessam os Cristãos, não se quiz mostrar ao maior dos Profetas, aquele que Ele escolheu para ser o director e conductor do seu povo e todos os povos que viviam no século de Jesus Cristo o viam familiarmente e lhe falavam sem mistério. Isso é tão absurdo que os Cristãos que o acreditam não podem prestar-lhe fé se quizerem ser sinceros consigo mesmos e tudo o que avançam para responder ás objecções que lhes fazem a este respeito não têm melhor fundamento que o seu erro. Mas não devem dizer que Deus se mostrou aos homens sob o seu aspecto divino, êles afirmam medrosamente que êle tomou a forma humana para mostrar-se, Mas como

o puderam reconhecer? Não foi nem pelo seu mérito nem pelas suas obras visto que aquelas que nos contam os historiadores da sua vida são directamente opostos á divindade.

Para nos convenceremos mais dos erros do Cristianismo basta lêr o texto sagrado. Nunca nenhum mortal me verá para que lhe não fique na memória a mínima impressão que lhe permita fazer uma imagem á merecida semelhança.

Estas palavras devem persuadir a todos que é impossível crer sem impiedade que Deus se tenha mostrado a quem quer que seja. Elas são bastantes para persuadir os mais obstinados Cristãos da falsidade da sua doutrina e para tornar mais crentes os Israelitas na verdade daquela que Deus lhes comunicou pela boca do mais perfeito dos Profetas. O decálogo proíbe em expressões tam claras a adoração de imagens que os homens podessem fazer á semelhança de Deus, que é inutil citar outras passagens do texto sagrado onde se repete esta proibição.

Os Israelitas não se deixarão tentar por nenhuma razão que possa destruir este precelto. Multos daqueles que se afastaram d'êle confirmaram o seu crime e a sua impiedade.

Com respeito áqueles que fizeram a apostasia da fé dos seus antepassados e que persistiram na sua perigosa opinião, mal deviam acreditar nisso e pretendem por explicações mais subtis que sólidas justificar-se de uma idolatria manifesta posto que defendida pelos mais sábios doutores do Cristianismo.

CAPITULO III

«Em que se faz vêr a Israel a idolatria do cristianismo a fim de que não caia no mesmo erro.»

O Senhor quiz instruir tambem o seu povo sobre o que êle devia fazer para não se tornar culpavel na idolatria que não só o advrtiu da que segulam então os povos que viviam antes dos Israelitas, mas tambem da que devia introduzir mais tarde, Jesus Cristo. Prevendo a divina sabedoria que se trataria de abolir o verdadeiro culto para adorar Divindades inventadas pelos homens e representadas sob vários aspectos, a todas singularisa e detalha no Deuteronomio, a fim de que os filhos que adoptar nunca pudessem vir a enganar-se por ignorância.

Os Cristãos querem que Jesus Cristo seja Deus sob o aspecto humano, e dão a sua mãe attributos de Divindade e a fazem Rainha dos céus. O espirito santo sob a forma duma pomba é tambem um Deus que êtes adora; e para que não haja nada de defeituoso no texto sagrado, um cordeiro e uma ser pente participam da natura divina.

A-fim-de que não vos façais imagens talhadas á semelhança do homem e da mulher, nem de nenhum animal de quatro patas que existem na terra nem a nenhuma ave que voe no ar, nem a nenhum animal que rasteja na terra, etc.

Eis aqui precisamente todas as imagens sob as quais os Cristãos adoram a Divindade. Deus homem, Deus espirito santo sob a forma duma pomba, Deus reconhecido por S. João sob o aspecto de um cordeiro pascal deve ter vindo para expiar as faltas do género humano. Deus serpente é adorado é adorado porque Moisés mandou fundir uma em metal por ordem do Senhor. A mãe de Jesus Cristo é reconhecida como Rainha dos céus e os Cristãos rendem-lhe um culto semelhante ao de seu filho. Ora não ha idolatria mais ridicula e portanto mais facil de evitar.

Não é sem mistério que os Cristãos estabeleceram dogmas tam pouco prováveis e tam opostos à razão, ao bom senso e à verosimelhança. Os Judeus mais ignorantes e menos ligados à sua religião nunca se deixarão persuadir de seguir um culto tam absurdo como o dos pagãos em relação a Saturno, Jupiter, Juno, Cibele, etc. Verdade é que os que quizeram adorar a serpente por causa do poder que ela teve seduzindo a primeira mulher podem tambien sob êste aspecto adorar Jesus Cristo havendo como há entre êstes dois aêres uma semelhança fatal, porque ambos causaram neste mundo males mais ou menos semelhantes e igualmente funestos.

(Continua).

OROBIO DE CASTRO.

Judeu braganTano do seculo XVII



Terra de Israel

O importante diario espanhol «El Sol» publicou um artigo sobre a Palestina, do qual extratamos o seguinte:

Si se tratara de un pedazo de tierra árabe más fértil; si aquí corrieran a raudales la leche y la miel, se comprendería mejor la resistencia de los árabes; pero en Palestina no corre ni el agua siquiera; es un país de tierra dura y pedregosa, de la cual sólo se puede obtener producto después de un derroche de esfuerzos, arte y oro. Con dinero y energía han desarrollado aquí los judíos una labor más importante y beneficiosa que los árabes en cien años.

Cualquier extranjero que viaje hoy por el país comprenderá inmediatamente dónde terminan las colonias judías. En ellas pastan las mejores vacas holandesas, hay grandes terrenos higienizados e dedicados a la avicultura. En el centro del valle del Emek hay instalada una escuela de agricultura, donde aprenden por la noche las muchachas teóricamente lo que han practicado durante el día: plantar, segar y abonar la tierra. Por doquier se ven campos enteros dedicados al cultivo de verduras. En donde se cultiva el trigo trabajan máquinas alemanas o norteamericanas para arar el suelo de una manera racional, en tanto que donde comienza el campo árabe, los «fellahs» conducen un arado primitivo tirado por un par de búfalos, y se hacen las labores pesadamente. De igual manera debía de trabajarse el campo en tiempos de Jesucristo.

A lo largo de la costa existen tambien colonias judías rodeadas de bosques de naranjos. Las naranjas y los plátanos que se cultivan aquí segun los sistemas experimentados como mejores en otras colonias subtropicales son embalados y embarcados para su exportación. Actualmente la producción de estas frutas se eleva a dos millones de cajas, con un valor aproximado de un millón de libras esterlinas por año, cifra que no hace mucho tiempo se hubiera considerado inaccesible.

Al mismo tiempo, tras larga experiencia, se ha comprobado que la agricultura extensiva no tiene

buenos resultados, y por lo tanto, es incapaz de competir con el Extranjero, ya que aquí no es posible obtener de una hectarea más de 600 kilos de trigo—esto es, la cuarta parte del que en igual terreno se obtiene en Alemania, y todavía menos del que alcanza el Canadá. Por ello se ha abandonado el cultivo del trigo para dedicarse cada vez más de lleno a la agricultura intensiva, utilizando los métodos más perfeccionados.

Como todo esto no es fácil de improvisar en un abrir y cerrar de ojos, se explica fácilmente el mal humor de los árabes al ver que otros en su propio terreno hacen las cosas mejor. Lo mismo los individuos que las colectividades pierden la serenidad cuando se sienten superados, y así, el árabe rico, que viaja subiendo y bajando montañas por carreteras de primer orden, no quiere hacerse a la idea de que todo el florecimiento de este país se debe al dinero de los judíos, los cuales han dirigido sus miradas hacia esta costa y cruzado los mares casi exclusivamente por razones morales, por sentimientos de cariño a la antigua, casi olvidada y ahora renaciente patria, para emplear aquí una buena parte de sus ingresos y de sus herencias.

«Los judíos nos están expropiando» es frase que se lee constantemente en la Prensa árabe; pero el gran terrateniente mahometano, que desde hace cientos de años lleva una vida espléndida en Beirut o Alejandria como consecuencia de las pinges rentas que le producen sus tierras de Palestina—como antes los príncipes y grandes duques rusos en Petrogrado y en París—ha vendido sus terrenos voluntariamente a los judíos a precios elevadísimos, aprovechando, naturalmente, el hecho insólito de que se haya presentado un comprador.

Se mantiene aquí todavía un viejo sistema de arrendamiento, cuyo origen tuvo lugar en la época de la dominación turca, y que esclaviza a los «fellahs» pobres.

A éstos se les hacen préstamos con intereses usurarios, que poco a poco los encadenan en la esclavitud. Puede decirse, por tanto, que el «fellah» pobre no ha sido expropiado por los judíos, sino por su propio señor que, al vender el terreno lo dejó sin patria. Si el gran terrateniente árabe no hubiera realizado un gran negocio no habría quedado desamparado su hermano de raza. Sin embargo, los árabes ricos siguen empleando al «fellah» como instrumento contra los judíos.

Estos, en previsión de discusiones y procesos, entregan a cada «fellah» pobre expropiado una cantidad que oscila entre treinta y cincuenta libras con el fin de que pueda arrendar otro pedazo de tierra. Son muchos los «fellahs» sin trabajo que esperan con los brazos cruzados el liberador dinero judío. Algunos de estos campesinos venden la mitad de su terreno a los judíos, y con el dinero así adquirido aprenden a cultivar el campo según los nuevos métodos introducidos por aquéllos.

He visto algunas granjas árabes en Jaffa y pude determinar inmediatamente la beneficiosa y racional influencia de los judíos.

Si se dice esto a los árabes replican que no es un arte el trabajar sin beneficio, como hacen los judíos, a quienes costaba mil libras cada colono. No obstante, de las cuarenta colonias judías fundadas recientemente, diez se han independizado ya económicamente, y por lo tanto, no cuestan nada. Esto en primer lugar. En segundo, en las colonias inglesas

cada colono costó al Estado en los primeros años una suma semejante. Y en tercer lugar, este reproche es parecido al que podría hacer el pretendiente joven y guapo de una mujer a otro más viejo y espiritual. No tiene nada de particular. El segundo pretendiente consigue los favores de la dama por sus palabras finas, su experiencia y su inteligencia.

Do «El Sol» de 31-Julho-1930.

• • •

Lucien Wolf

Por comunicação do Joint Foreign Committee of the Jewish Board of Deputies and the Anglo-Jewish Association tivemos conhecimento do falecimento do nosso distinto correligionario Lucien Wolf, membro benemerito da Comunidade Israelita do Porto. O seu funeral realizou-se em Londres no dia 26 de Agosto, ás onze horas, no cemiterio de Willesden. A's 17,30 horas realizou-se um officio memorial na West London Synagogue of British Jews, tendo feito o elogio funebre o Dr. Claude Montefiore.

Lucien Wolf, que ha pouco completára 73 anos, era um grande jornalista e um grande diplomata. Chamaram-lhe o Ministro dos Negocios Estrangeiros da Nação Judaica. Defensor acerrimo dos judeus fez-se respeitar e temer pelos governos de estados onde os judeus não tinham amplas liberdades publicas. O judaismo perdeu um dos seus «grandes» e a Comunidade Israelita do Porto e bem assim os judeus maranos portugueses perderam um grande amigo.

Lucien Wolf nasceu em Londres em 20 de Janeiro de 1857, tendo sido educado nas principais escolas de Bruxelas e Paris. Filho de judeus, soube honrar sempre o prestigio da sua raça, dedicando-se á carreira jornalística, onde manteve sempre um lugar proeminente.

Fez parte da redacção do «Public Graphic», chefiando mais tarde o «Jewish World». Foi ainda correspondente em Londres de «Le Journal», de Paris, dirigiu durante muitos anos a secção colonial do «Times», e publicou interessantes artigos na Enciclopedia Britanica e na Ciclopedia de Architectura.

Wolf foi, além dum eminente jornalista, um dos mais notaveis diplomatas do povo judeu, tendo representado a comunidade anglo-israelita na Conferencia de Versailles de 1919. A ele se deve o maior esforço para a obtenção dos tratados sobre as minorias com a Polonia, Romenia, Checo-Eslovaquia e a Grécia.

Foi ainda Wolf o fundador do Comité Consultivo Junto do Alto Comissario da S. D. N. Pró-Refugiados.

De entre as numerosas obras que escreveu, destacaremos: «O governo russo e os massacres» (1906); «Historia diplomatica da questão judaica» (1919); «A vida dos primeiros marqueses de Rifon» (1921); «Os judeus nas ilhas Canarias» (1926), etc.

Que os cripto-judeus de Trás-os-Montes e Beiras, em unisono com a Comunidade do Porto peçam nas suas orações a Adonai, Deus de Israel, que bem receba no Mundo Futuro a alma purificada deste nosso grande amigo.

Leitores do Ha-Lapid um Kadish em memoria deste homem grande em Israel.

• • •

Historia Sagrada Infantil

por Ben-Bosh

(Continuação da n.º 28)

Bathuel e Laban concordaram visto ser cousa de Deus. Eliezer deu então joias e ricos vestidos a Ribkah e bons presentes a sua mãe e a Laban. Comeram, beberam e ali passaram a noite. No dia seguinte Eliezer dispoz tudo para a partida e Ribkah, depois de se despedir da familia e receber a sua benção, partiu com ele, levando comsigo uma creada.

Passados varios dias os viajantes chegaram ao entardecer, proximo da cidade onde morava Abraham, e viram um homem que caminhava pelos campos naquela direcção. Ribkah perguntou: Quem é aquele homem que vem ter connosco?

Eliezer respondeu:—E' o filho de meu amo.

Então Ribkah cobriu o rosto com o

veu. Isaac aproximou-se e Eliezer contou-lhe tudo o que se tinha passado.

Isaac deu a mão a Ribkah e conduziu-a para a tenda de Sarah, sua mãe. Pouco tempo depois recebeu-a como esposa, amou-a muito e assim se consolou da morte de sua mãe.

Abraham morreu numa velhice feliz e seus filhos Isaac e Ismael enterraram-no na Caverna de Makhpelah ao lado de sua esposa Sarah.

8

Jacob e Esav

Deus abençoou o casamento de Isaac e Ribkah dando-lhes dois filhos gêmeos. O primeiro recebeu o nome de Esav e o segundo chamou-se Jacob. Crescendo estes irmãos mostraram gostos diferentes: Esav tornou-se um habil caçador, Jacob era pastor e vivia sempre com os pais.

Um dia Jacob tinha preparado um prato de lentilhas, quando lhe apareceu Esav que vinha da caça e lhe disse: Dá-me dessa comida porque estou cheio de fome.

Jacob respondeu: vendes me o teu direito de primogenitura?

Esav que pensava só na caça, disse-lhe que o vendia pelo prato de lentilhas. Jacob deu-lhe o cosinhado pedido, pão e vinho.

Esav não só despresou o direito de primogenitura, mas também o exemplo de seu pai; em vez de casar com uma mulher fiel ao verdadeiro Deus, casou com uma mulher idólatra, o que desgostou Isaac e Ribkah.

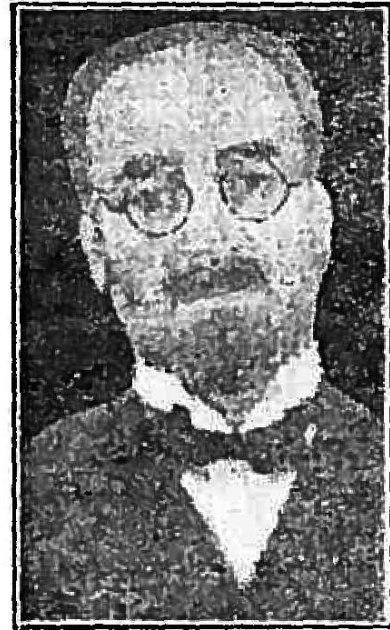
Quando Isaac ficou muito velho, perdeu a vista. Um dia disse ele a Esav:—Estou velho e não sei quando morrerei. Pega nas tuas armas, vai á caça e depois arranja-me um guizado de que eu goste. Comê-lo-hei e te darei a minha benção.

Quando Esav partiu, Ribkah que tinha ouvido tudo, disse a Jacob: Vai buscar dois cabritinhos novos, que eu prepararei um prato de que teu pai goste; tu levá-lho e ele dá-te a sua benção.

Então Jacob disse á mãe que seu irmão era peludo e ele não, e seu pai apalpando-o notaria a diferença e em vez de o abençoar o amaldiçoaria.

(*Continua*)

ALA DE HONRA



Dr. David de Sola Pool

Rabbi-mór dos israelitas do rito português de New-York (Estados Unidos da America), Presidente da Union of Sephardic Congregations da Norte America.

E' um dos sabios de Israel aliando um grande conhecimento a uma enorme modestia, uma grande fé a um amantissimo coração, um finissimo trato a um caracter de eleição.

Pae e marido exemplar, guia espiritual que domina e se impõe pelos seus excellentes dotes morais e intellectuais.

Um dedicado amigo da Comunidade do Porto, da qual é membro benemerito, e um observador atento e solícito da Obra do Resgate dos maranos de Portugal.

Que Deus Bendito o conserve para nos por muitos anos e bons.

• • •

Historietas judaicas

=

—Papá, em que idade é que a gente se torna judeu?

—Que pergunta! Sômos o que sômos, não tendo a idade nada que vêr com isso.

—Contudo, papá, eu que tenho 12 anos sou católico; tu, que tens 40 anos, és ainda catolico; mas o avôsinho, esse já é judeu!